**Dr. David Turner, Matthew   
Aula 11B – Mateus 26: Paixão de Jesus I: Traição, Prisão e Audiência Judaica**

Saudações, amigos. Esta é a Aula 11b do nosso curso sobre Mateus. Aqui é David Turner.

Esta é a primeira de duas palestras que teremos sobre a Narrativa da Paixão em Mateus 26. Nossa próxima palestra abordará a Narrativa da Paixão em Mateus 27. Há muito a ser abordado aqui, e receio que só possamos arranhar a superfície.

Então, vamos lá. Os eventos culminantes que têm sido repetidamente previstos desde o ministério na Galileia estão agora prestes a se desenrolar enquanto apresentamos esta Narrativa da Paixão. Foi previsto diversas vezes que Jesus seria crucificado em Jerusalém, desde 12:38 a 40, 16:4 e 21, 17:12, 22 e 23, 20:17 a 19:21, 38 e 39, 23:32.

Encontramos nosso Senhor Jesus aqui também, em 26, ciente das forças que se mobilizaram contra ele, mas não resiste a fazer a vontade do Pai, apesar do sofrimento que isso implicará. Ironicamente, os próprios líderes judeus que se opõem e buscam destruir Jesus são os instrumentos involuntários que Deus usa para cumprir seu plano de exaltar Jesus. A última semana de Jesus em Jerusalém é tratada detalhadamente em todos os quatro Evangelhos.

Este fato, juntamente com a omissão quase total de material sobre a vida de Jesus antes de seu ministério público, demonstra claramente que os Evangelhos não são meras crônicas ou biografias históricas, mas sim obras literárias com motivação teológica. A narrativa dos eventos a partir do Domingo de Ramos abrange Mateus 21 a 28, portanto, fica claro que a última semana da vida de Jesus ocupa aproximadamente de um terço a um quarto do Evangelho de Mateus. Alguém já disse que os Evangelhos são narrativas da paixão com introduções extensas, e isso é apenas um leve exagero.

A narrativa de Mateus sobre o sofrimento de Jesus é prefaciada com as histórias dos conflitos no templo com os líderes judeus nos capítulos 21 a 23 e o discurso escatológico nos capítulos 24 e 25. Em ambas as seções, o material de Mateus é mais extenso do que o de Marcos ou Lucas. No que diz respeito à narrativa da paixão propriamente dita, em Mateus 26 a 28, Mateus e Marcos são, em grande parte, paralelos a Lucas e, mais ainda, a João, contribuindo com material único.

O fluxo geral é a preparação dos discípulos no capítulo 26, a prisão no Getsêmani no final do capítulo 26, o julgamento perante Caifás e as três negações de Pedro que encerram o capítulo 26, o julgamento perante Pilatos no início do capítulo 27, a zombaria de Jesus na segunda metade do capítulo 27, e então o sepultamento por José de Arimateia, e então a ressurreição e sua negação na Grande Comissão no capítulo 28. Ao examinarmos este material, há várias partes que são exclusivas de Mateus, apesar de sua semelhança com os outros Evangelhos, e seria conveniente estudarmos cuidadosamente este material mateano singular. Não temos tempo para retratar isso nestas fitas, mas na página 47 dos seus materiais suplementares, listei essas passagens singulares e os encorajei a examiná-las com mais atenção enquanto refletem sobre a forma como este Evangelho flui e o que ele tem nos ensinado ao longo do tempo.

Agora, passemos a alguns comentários sobre 26:1-5, onde a conspiração para prender Jesus e matá-lo é mencionada pela primeira vez. Em 26:1-2, pela quinta e última vez, Mateus conclui um discurso de Jesus com a fórmula usual, só que desta vez ele não diz simplesmente quando Jesus terminou essas palavras, mas sim quando Jesus terminou todas elas. Portanto, Mateus retrata 26:1 não simplesmente como o fim de um discurso, mas como o fim de tudo o que Jesus ensinou neste Evangelho.

Essa frase nos lembra de 28:20. O ensinamento de Jesus sobre o governo de Deus, iniciado em 4:17, agora está completo. A festa da Páscoa começa em dois dias, e Jesus antecipa ser entregue para ser crucificado. Em 26:3-5, a menção de Mateus à conspiração do líder serve para confirmar o que Jesus disse em 26:2. Uma conspiração contra Jesus já estava em andamento há algum tempo, lembre-se de 12:14 e 22:15, mas, dados os conflitos no templo, há mais motivos do que nunca para os principais sacerdotes e anciãos se reunirem com o sumo sacerdote Caifás para planejar a captura secreta de Jesus e sua morte.

O sigilo é necessário devido à popularidade de Jesus entre as multidões de peregrinos que chegaram a Jerusalém para a festa da Páscoa (ver 21:26 e 27:24). Os líderes acham que precisarão esperar até a Páscoa para prender Jesus, mas a oferta de Judas de traí-lo permitirá que alcancem seu objetivo mais rapidamente. Agora, vamos à unção de Jesus em Betânia, em 26:6-13. Nesta passagem, chama a atenção o fato de que uma mulher desconhecida e sem nome parece ter maior reconhecimento da brevidade do tempo restante de Jesus na Terra do que os discípulos principais de Jesus. No entanto, os discípulos têm um ponto legítimo.

Deve-se cuidar dos necessitados, mas o momento é totalmente inoportuno. Apesar de estarem ao lado de Jesus e ouvirem suas repetidas previsões sobre a paixão, incluindo uma que ainda deveria estar ecoando em seus ouvidos, eles agem como se fosse hora de voltar aos negócios como sempre. À medida que o capítulo avança, desculpem-me, à medida que a história deste capítulo avança, essa mulher é retratada com compaixão como servindo a Jesus, enquanto os discípulos interpretam mal e são corrigidos.

Jesus, é claro, o traidor, é o contraste para a mulher sem nome. Na página 48 das suas anotações, listei algumas das questões literárias envolvidas nessas caracterizações da mulher e dos líderes judeus, com os discípulos se mantendo neutros em meio a tudo isso. As palavras de Jesus sobre os pobres aqui não devem ser mal utilizadas como justificativa para uma atitude insensível em relação às suas necessidades.

Seu comentário de que os pobres estão sempre presentes alude a Deuteronômio 15:11, que fala realisticamente sobre pessoas necessitadas no contexto do ano sabático de remissão, quando as dívidas deveriam ser perdoadas (Deuteronômio 15:1 e 2). Deus ordena aos judeus que não retenham um empréstimo porque o ano sabático está próximo e o empréstimo será perdoado antes de poder ser totalmente pago (Deuteronômio 15:7-10). A bênção de Deus será compensada pelo que for perdido quando o empréstimo não for pago (Deuteronômio 15:4, 6, 10, 14 e 18). No geral, então, Deuteronômio 15 trata de ajudar os necessitados para que não haja pobres na terra (Deuteronômio 15:4). A alusão de Jesus a Mateus 15:11 e 26:11 é um lembrete de uma responsabilidade contínua, não uma declaração estoica sobre uma situação inevitável. Mas a responsabilidade contínua de cuidar dos pobres empalidece em comparação com a urgência de cuidar de Jesus durante seus últimos dias na Terra.

Agora, a traição de Judas a Jesus em 26:14-16. Judas é uma pessoa patética e enigmaticamente má. 26:24 comparado a João 17:12. E a motivação para trair Jesus é um dos assuntos mais inescrutáveis da Bíblia. Alguns acreditam que ele agiu por ganância, já que Judas perguntou quanto os líderes lhe pagariam.

Ele ficou enojado com o desperdício de dinheiro quando Jesus foi ungido com o perfume caro pela mulher de Betânia. Compare com João 12:4-6. Outros teorizam que Judas buscava um Messias com orientação militar e política e se desiludiu quando a mensagem espiritual de Jesus não foi amplamente recebida, especialmente pelos líderes de Israel. Lucas 22:3 e João 6:70-13.2 citam influência satânica por trás da ação de Judas.

O comentário de Bomberg provavelmente está forçando um pouco a barra e sugerindo que Judas talvez tenha cometido o pecado imperdoável. De qualquer forma, Judas trai Jesus, depois se arrepende e comete suicídio. 27:3-10. A alusão aqui a Zacarias 11:12-13 é sutil, mas importante, pois conecta a traição de Judas à profecia do Antigo Testamento e, assim, apoia os temas de Mateus 26, de que Deus está no controle até mesmo da traição de Jesus.

Este assunto profundo merece reflexão. Todo seguidor de Jesus também deveria refletir sobre a monstruosa traição de Judas e lamentar com os discípulos originais que um dos doze pudesse trair o Senhor. Mais ainda, cada um deve se perguntar: "Não sou eu, Senhor?" (26:22). Agora, a Páscoa e a Ceia do Senhor em 26:17-30. Esta passagem contém quatro partes.

Primeiro, a preparação para a Páscoa nos versículos 17-19, a predição de traição durante a refeição nos versículos 20-25, a instituição da Ceia do Senhor nos versículos 26-29 e a transição de volta à trama principal no versículo 30. Apesar da confiança de alguns, não está claro em que ponto da refeição da Páscoa Jesus previu a traição e instituiu sua ceia. O interesse de Mateus é associar esses eventos a uma refeição histórica da Páscoa, mas ele não fornece detalhes históricos que sejam estranhos ao seu propósito teológico.

No propósito teológico de Mateus, a ceia da Páscoa é tanto um começo quanto um fim. É a Última Ceia, a última refeição de Jesus com seus discípulos antes de sua prisão, julgamentos e crucificação, mas também é a Primeira Ceia, a inauguração da lembrança de Jesus por sua nova comunidade. O cumprimento do padrão e da predição do Antigo Testamento por Jesus é, por assim dizer, trazer de seu tesouro coisas novas e velhas.

Lembre-se de 13:52. Sob essa luz, a Ceia do Senhor não é a Páscoa, mas está associada à Páscoa. No futuro, quando reencenarem a Última Ceia, ao comerem o pão e beberem o vinho, lembrar-se-ão de que Jesus de fato derramou seu sangue por eles através do perdão de seus pecados, e se lembrarão de sua promessa de compartilhar da mesa com eles no reino futuro.

Como Paulo disse, cada vez que comerem o pão e beberem o cálice, estarão anunciando a morte do Senhor até que ele venha. 1 Coríntios 11:26. A Ceia do Senhor é divinamente ordenada para lembrar os seguidores de Jesus do que ele fez e do que fará.

A existência presente deles é moldada pela sua primeira vinda passada para redimi-los e pela sua segunda vinda futura para reinar sobre a Terra. Essas verdades são poderosamente seladas aos corações do seu povo quando participam com fé à mesa. O sacramento da Ceia do Senhor não é um memorial impotente, um sinal vazio, nem uma fonte mágica automática de graça salvadora.

Mas, quando recebida com fé, fortalece dinamicamente o povo de Deus ao proclamar a verdade central do evangelho de Jesus. Os primeiros cristãos provavelmente celebravam a Ceia do Senhor no contexto de uma refeição de confraternização regular ou de um banquete de amor. Apesar da popularidade atual das celebrações do Seder de Páscoa nas igrejas cristãs na Páscoa, a ordem da refeição nos tempos do Novo Testamento não é realmente conhecida.

As tentativas de interpretar a liturgia judaica posterior da Páscoa, ou Agadah, de volta ao Novo Testamento e de investi-la de significado tipológico cristão podem ser edificantes, mas a prática se baseia em uma base histórica frágil. Mishná Pessachim 10 é evidentemente a fonte mais antiga para a liturgia do Seder, mas a Mishná só foi redigida e escrita depois do ano 200 da Era Comum. Parece claro que Jesus usou a refeição da Páscoa como contexto para a instituição de sua própria ceia, e pode-se dizer que, para Mateus, a Ceia do Senhor cumpriu a Páscoa, mas os detalhes precisos dessa correspondência não são conhecidos.

Agora, alguns breves comentários sobre 2631-35, onde Jesus prediz que seus discípulos o abandonarão. Esta passagem é um exemplo de Pedro contra Jesus, como vimos em 1622. Duas vezes , Jesus prediz o comportamento futuro de Pedro, 2631-34, e duas vezes Pedro o nega veementemente em 26:33-35.

Ao ser informado de que todos os discípulos se dispersariam e seriam recebidos por Jesus na Galileia, Pedro afirma que jamais abandonará Jesus, mesmo que todos o façam. Ao ser informado de que fará pior do que abandonar Jesus, na verdade, o negará três vezes, e afirma que morrerá primeiro. A narrativa que se segue mostra o quanto Pedro está errado em ambos os casos, mas Pedro já errou antes e, mesmo assim, superou suas falhas.

A ressurreição de Jesus será o evento que transformará a tristeza em alegria, a derrota em vitória e a deserção em lealdade renovada, 26:32, 28:7 e 10, e de 16 a 20. Nesse ponto, Pedro não se conhece o suficiente para reconhecer sua propensão a abandonar e negar Jesus, mas aprenderá essa amarga lição em 26:75 e será restaurado à comunhão com Jesus e ao ministério para Jesus. Compare João 21, especialmente para isso, e eventualmente, segundo a tradição, Pedro morrerá antes de negar Jesus.

Agora, em 26:36-46, analisamos brevemente a oração do Senhor no Getsêmani. Os três ciclos de Jesus orando e os discípulos dormindo ficam claros nesta passagem. É incrivelmente claro e incrivelmente triste.

Essa repetição de três vezes em que Jesus retorna aos seus discípulos e os encontra dormindo deixa claro o ponto sobre Jesus e os discípulos. As orações solitárias de Jesus no Getsêmani são notáveis por vários motivos. Primeiro, nessas orações, Jesus coloca a vontade do Pai acima da sua.

Ele antecipa realisticamente a dor e o sofrimento que o aguardam. Compare com 27:46, e ele deseja não ter que suportar tudo isso. Ao mesmo tempo, ele se resigna a obedecer ao plano do Pai .

Nisso, ele modela a oração modelo que ensinou aos discípulos, na qual eles devem orar para que a vontade de Deus seja feita na Terra como no céu. Sua oração também modela sua própria exortação para orar com atenção e reconhecer a fraqueza da carne em 2641. A centralidade em Deus das orações de Jesus no Getsêmani deve ser comparada à tentação de Jesus em Mateus 4:1 a 11.

Jesus viverá da Palavra de Deus, tenha ou não pão. Ele não testará o Senhor como Deus. Ele adorará somente o Senhor como Deus.

Ele fará a vontade do Senhor como Deus, mesmo que isso leve ao sofrimento e à morte. E nós também devemos. Mas se alguém pensa que essa compreensão da oração de Jesus não faz justiça à sua divindade, basta consultar o livro de Hebreus, que enfatiza como os sofrimentos de Jesus o capacitaram para ser um sumo sacerdote compassivo para seus seguidores.

Observe Hebreus 2 :14-18, 4:14-16 e 5:7-9. De forma alguma uma cristologia elevada deve nos impedir de apreciar a realidade da aflição de Jesus no jardim. 26:37-39, 42-44.

A maravilha da encarnação do Filho de Deus é que Jesus era verdadeiramente divino e verdadeiramente humano. Ele não era o equivalente antigo do repórter aparentemente gentil Clark Kent, que na realidade não era humano, mas um visitante do planeta Krypton. A experiência de Jesus no Getsêmani nos lembra da fraqueza de seus discípulos, tão eloquentemente quanto de sua força.

A falta de percepção deles quanto ao significado da unção de Jesus em Betânia demonstra que suas mentes não estavam focadas no lembrete de Jesus sobre a proximidade de sua morte. A negação unânime de que abandonariam Jesus logo após sua previsão equivale à completa incredulidade causada por autoconfiança pecaminosa. Seria de se esperar que cada um desses homens supostamente corajosos fosse capaz de vigiar Jesus durante a noite, mas mesmo seu círculo íntimo de discípulos o decepciona em seu momento mais vulnerável.

Os filhos de Zebedeu, que estavam com ele no Getsêmani, desejavam o lugar mais alto de honra no reino e prometeram a Jesus que beberiam do seu cálice em 2022, mas não conseguiram sequer ficar acordados para compartilhar o seu fardo sobre o cálice que ele teria que beber sozinho. Dado o seu desempenho no Getsêmani, a sua deserção quando Jesus é preso não é surpreendente. O sono dos discípulos não pode deixar de lembrar ao leitor a necessidade de alerta espiritual diante dos testes morais.

Quando somos lembrados pela experiência de Jesus no Getsêmani sobre a fraqueza dos discípulos, não podemos deixar de nos lembrar da nossa própria fraqueza. No entanto, as promessas de nosso Senhor nos sustentam enquanto o servimos até que ele retorne. Agora, passamos para a prisão de Jesus em 2647-2656.

Como Hagner aponta, em 26:47 as preliminares terminaram. Jesus terminou de preparar seus discípulos para o seu inevitável sofrimento e morte, e para as próprias falhas deles. Agora, no meio da noite, Jesus é preso e abandonado por seus discípulos, cuja partida ilustra Mateus 16:25. Ele será submetido a um julgamento ou audiência altamente tendencioso.

Pela manhã, ele comparecerá perante Pilatos e será entregue para crucificação. Às três da tarde, estará morto. Mas, em meio a tudo isso, fica-se com a impressão inconfundível de que Jesus, ou melhor, seu Pai Celestial, está realmente no comando.

Esses versículos parecem mostrar claramente que Jesus e seus discípulos não eram subversivos ou fanáticos, embora essa seja a implicação das falsas acusações que logo serão feitas contra Jesus em 26:61. Jesus se resigna a beber o cálice, a vontade de seu Pai lhe é apresentada e ele ensina aos seus discípulos que a violência só leva a mais violência. Apesar de suas jactâncias, em 26:35 os discípulos oferecem apenas uma resistência simbólica à prisão de Jesus, e então todos fogem.

O grupo enviado para prender Jesus, aparentemente composto por guardas do templo comandados pelo sumo sacerdote, também se mostra bastante antipático. Por que um grupo tão grande? Por que todas as armas? E por que um lugar tão obscuro sob o manto da escuridão? Pode-se explicar corretamente a bravura de Jesus, a traição de Judas, a covardia dos discípulos e a agressão do grupo de detenção como ações voluntárias no caráter de cada uma das partes envolvidas. Mas é preciso também notar a forte ênfase no plano predeterminado de Deus nesta passagem.

Veja 26:2, 18, 24, 31, 39, 42, 54 e 56. Aqui, então, está outro exemplo do padrão bíblico da compatibilidade entre a soberania divina e a responsabilidade humana. Quando Jesus comparece perante Caifás para a primeira fase do seu julgamento ou das suas audiências, as coisas não são muito agradáveis, não é mesmo? Esta passagem, 26:57 a 68, descreve o primeiro dos dois julgamentos de Jesus, embora o termo "julgamento" possa ser forte demais aqui.

A narrativa do julgamento perante o Sumo Sacerdote Caifás cumpre dois propósitos literários. Primeiro, a natureza sórdida de todo o processo é claramente exposta em 26, 59 a 61. Segundo, e mais importante, as alegações de Cristo de ser o Messias de Israel são apresentadas de forma culminante aos líderes de Israel.

Numa clara alusão a Daniel 7:13, Jesus reconhece ser o Filho do Homem messiânico que retornará para julgar seus falsos acusadores e juízes, 26:64. No entanto, os líderes rejeitam o testemunho de Jesus, acusam-no de blasfêmia e o tratam com sarcasmo e total desprezo em 26:65 a 68. É a afirmação de Jesus de que retornará seu glorioso Filho do Homem para julgar seus juízes que parece enfurecê-los.

Eles não contemplarão essa inversão escatológica. A confissão do soldado romano em 27:54 apresenta um contraste em consonância com a ênfase de Mateus na missão aos gentios. Quanto à forma como Jesus é apresentado nesta passagem, Hagner está correto ao afirmar que em nenhum lugar Jesus se revela mais do que aqui.

O horizonte temporal implícito nas palavras de Jesus no futuro, 26, 64, é bastante amplo. Jesus será empossado como o glorioso Filho do Homem em sua ressurreição, e o próprio Caifás será confrontado com essa realidade eventualmente. Infelizmente, Caifás se recusa a reconhecer que a pessoa que ele julgou injustamente um dia o julgará.

Jesus falará como o Filho do Homem exaltado ao introduzir sua comissão aos discípulos com as palavras: " Toda a autoridade me foi dada", 28, 18. Mas a ressurreição apenas inaugura o glorioso reinado de Jesus. Compare João 7:39, 12, 23, 12:32 e 33, 17:4 e 5, Atos 2:32 e 33, 13:33 a 37, Filipenses 2:9 a 11 e Apocalipse 5:5 a 10.

O reinado de Jesus será consumado com seu retorno para julgar e governar a Terra. Observe Mateus 6:10, e também Mateus 13:41 a 43, 16:27, 19:28, 24:30 e 25:31. A ressurreição justifica as reivindicações de Jesus e sela a condenação de seus inimigos.

O retorno à Terra concretiza o julgamento final, onde toda a humanidade comparecerá diante do Filho do Homem. Os incrédulos serão condenados e os crentes serão recompensados, e Jesus reinará em glória sobre o seu povo em um novo mundo do qual a maldição foi removida. Agora, há novamente a questão do antissemitismo referente a esta passagem.

No plano histórico, fica claro que este julgamento não foi realizado de acordo com os procedimentos legais encontrados na Mishná, Tratado Sanhedrin 4 a 7. De acordo com este tratado , os julgamentos não deveriam ser realizados à noite e os casos de pena de morte não podiam ser decididos em um único dia. Vários outros detalhes da narrativa de Mateus discordam das leis mishnáicas para julgamentos. Essa anomalia pode ser explicada de diferentes maneiras.

Uma linha de raciocínio argumenta que as tradições mishnáicas são teóricas, não reais, e que foram escritas mais de 150 anos após o julgamento de Jesus. Mas essas tradições supostamente foram transmitidas oralmente desde tempos anteriores. Os não evangélicos acusam Mateus de inventar grande parte ou toda a história para fins de propaganda.

Nessa visão, o comentário de Behr, desculpe-me, faz isso. Segundo essa visão, o objetivo de Mateus era culpar os judeus e exonerar os romanos para obter a simpatia das autoridades romanas pelo cristianismo. Mas se Mateus e sua comunidade ainda se identificam como judeus, esse argumento se desfaz.

Em vez disso, Mateus preserva informações históricas precisas em sua narrativa para mostrar que os líderes judeus não seguiram seus próprios padrões ao lidar com Jesus. Observe também o caso de Estêvão em Atos 6:11 e seguintes. Era conveniente que eles quebrassem suas próprias regras para se livrarem rapidamente de Jesus antes que as multidões tomassem conhecimento e antes que a Festa dos Pães Asmos começasse a todo vapor.

Mateus não deseja acusar Israel como nação, nem mesmo todos os judeus de sua época, muito menos todos os judeus que viveram posteriormente. Em vez disso, a narrativa do julgamento deve ser vista como parte do retrato consistente e abertamente negativo de Mateus da Jerusalém estabelecida nos dias de Jesus, como líderes corruptos que abandonam Israel como ovelhas dispersas sem pastor. Compare com 9:36.

Esses líderes não interpretaram a lei e os profetas de uma maneira que se concentrasse em questões mais importantes. Em vez disso, buscaram seguir tradições humanas que obscurecem a justiça da lei, 15:1-14. Quando Mateus, como judeu, escreve aos judeus, destacando a corrupção do establishment de Jerusalém, ele não está sendo antissemita , e os cristãos que o interpretam dessa forma estão gravemente equivocados.

Aqueles que apoiam seu próprio preconceito antissemita apelando para Mateus devem ser severamente condenados nos termos mais fortes possíveis. Para a própria perspectiva teológica de Mateus, não foram os líderes judeus corruptos ou o fraco governador romano os responsáveis pela morte de Jesus. Em vez disso, foi o plano de Deus sendo cumprido pelas ações de homens pecadores, judeus e gentios, para que pecadores de todos os grupos étnicos pudessem crer em Jesus, o Messias, e ser perdoados pelo derramamento de seu sangue.

E, finalmente, a última seção deste capítulo, as três tristes negações de Pedro. O Sinédrio zombou da visão profética de Jesus, e agora as negações de Pedro a justificam. A passagem consiste claramente em três acusações de que Pedro era um seguidor de Jesus, seguidas por três negações cada vez mais intensas.

É impressionante que Pedro se sinta intimidado por uma simples serva e que suas negações sejam cada vez mais pontuadas por juramentos e palavrões . Compare 26:70, 72 e 74. Essas negações tornam-se ainda mais enfáticas à medida que Pedro se afasta de Jesus, do pátio em 2669 para o portão em 26:71 e sua partida em 2674.

Os discípulos que deixaram tudo para seguir Jesus agora o abandonaram, e o primeiro a ser chamado foi o último a partir. Seria fácil simpatizar com Pedro negando o Senhor uma vez por medo ou constrangimento, mas é impossível justificar uma negação tripla e cada vez mais veemente. A Bíblia, em muitos casos, apresenta seus heróis com todos os defeitos, como diz o ditado.

Pense em Noé, Abraão, Moisés, Davi e Salomão. Mateus não é exceção, pois não tenta eliminar as inconsistências e falhas dos discípulos, nem de sua narrativa sobre os discípulos de Jesus. Ele nem sequer menciona a subsequente reabilitação de Pedro por Jesus, mencionada em João 21:15 e seguintes.

Assim, o leitor fica com outro testemunho contundente da fraqueza dos discípulos. Isso é um pouco amenizado quando nos lembramos do perdão mencionado em 12:32 e da promessa de que Jesus mais tarde encontraria os discípulos na Galileia, encontrada em 2632, repetida em 28:7, 10 e 16. A negação de Pedro sublinha a fraqueza de todos os discípulos, 2635, mas não encerrará sua missão messiânica se eles forem fiéis ao Messias ressuscitado e viverem por seu poder e presença.

É instrutivo comparar Pedro e Jesus. Enquanto Jesus confessa sua identidade messiânica diante do líder supremo de Israel, Pedro nega qualquer conhecimento de Jesus diante de uma serva. Pedro fica imediatamente aflito por seu pecado, mas Judas também fica em 27:3. Portanto, também é instrutivo comparar Pedro e Judas.

Judas trai o Senhor exatamente como Jesus previu. Depois, sente remorso, é rejeitado pelos líderes judeus e comete suicídio (27:1 a 10). Pedro também nega o Senhor, exatamente como Jesus previu.

Depois, ele sente remorso. Jesus o restaura, e ele reassume seu papel como líder dos discípulos. Como podem resultados tão opostos advir de ações tão semelhantes? No caso de Pedro, a fraqueza humana levou ao fracasso momentâneo, mas o padrão de vida de Pedro era o do discipulado. Para ser justo com Pedro, evidentemente, ele foi o único discípulo a seguir Jesus até o pátio do sumo sacerdote.

É verdade que ele falhou miseravelmente ali, mas os outros nem sequer foram. Por outro lado, o remorso de Judas não é acompanhado por atos condizentes com o verdadeiro arrependimento. Assim como vimos antes, aqui o vemos novamente nesta narrativa.

Em Mateus, Pedro é o primeiro entre os discípulos de Jesus. Ele é destacado ao longo da narrativa como o discípulo representativo. Ele fala pelo grupo.

Todos os seguidores de Jesus deveriam, portanto, ficar horrorizados com as negações de Pedro e emocionados com sua restauração. Pedro é o discípulo representativo tanto naquela época quanto hoje. Agora, um resumo e a transição para o próximo capítulo.

À medida que a trama para executar Jesus avança, Jesus prepara seus discípulos para o fim de seu ministério na Terra. Em uma cena tocante, o círculo íntimo de discípulos não consegue nem ficar acordado com Jesus durante sua luta agonizante no Getsêmani. Judas então trai o Senhor para os líderes judeus, que levam Jesus para julgamento perante Caifás.

Pedro nega o Senhor três vezes. A trama de Mateus 26 entrelaça então Jesus preparando seus discípulos para sua morte e o plano dos fariseus para apressar essa morte. À medida que os eventos do capítulo se desenrolam rapidamente, Jesus permanece no controle, prevendo repetidamente sua morte.

26:2, 12, 21, 23 e 24, 28, 32, 45 e 54. Também enfatiza as provações que isso trará aos seus discípulos em 26:31 a 35. Mesmo sua luta no Getsêmani não tira o tema de seu controle, já que ele é sempre obediente à vontade do Pai.

26:39, 42, 44. Outro tema forte é a soberania de Deus, especialmente no que se refere ao cumprimento do Antigo Testamento. Observe 26:24, 31, 54, 56 e 64.

Assim, parece que a monstruosa traição de Judas e as maquinações malignas dos líderes judeus são atos culpáveis e necessidades divinas que graciosamente concedem perdão de pecados. Este capítulo é, portanto, um testemunho profundo de que a soberania de Deus e a ação responsável das pessoas são verdades bíblicas compatíveis, mesmo que possamos apenas articulá-las de forma débil.